

FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIA DO ALTO PARANAÍBA – FATAP

FABIOLA D`ÁVILA

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA O SUJEITO
IDOSO EM BUSCA DE UMA METAMORFOSE**

VITÓRIA

2021

FABIOLA D`ÁVILA

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA O SUJEITO IDOSO EM
BUSCA DE UMA METAMORFOSE**

trabalho de Conclusão de Curso apresentando como requisito de aprovação para a obtenção do título de Especialista em Psicanálise Clínica da Faculdade de Tecnologia e Ciência do Alto da Paranaíba – FATAP.

Orientador Prof. Dr. Waldecir Manoel Francisco Santos

VITÓRIA

2021

RESUMO

O objetivo desse artigo é quebrar paradigmas impostos aos sujeitos idosos sob o olhar psicanalítico. Permeando em vários caminhos como o social, econômico, biológico, psicológico, cultural, político e do inconsciente. A estratégia utilizada é a discussão em busca de uma mudança de olhar sobre os sujeitos idosos, mostrando que nosso inconsciente é atemporal. A pesquisa foi de cunho bibliográfico onde houve busca de questões cruciais para uma vida psíquica de qualidade dos sujeitos como, o preconceito etário, sexualidade, desejos, e a não aceitação de um lugar imposto por seus familiares e pessoas de sua convivência, quebrando o silêncio e o pré-conceito da sociedade para com a velhice, levando em consideração que todos e todas nós vamos envelhecer.

PALAVRAS CHAVE

Psicanálise. Envelhecimento. Sujeito. Inconsciente. Desafios.

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo onde devemos ter um olhar sensível, crítico e amplo. Ao iniciarmos um estudo sobre seres humanos (de qualquer idade), devemos sempre buscar os conceitos necessários, pois quando tratamos de vidas, não podemos analisar um fato isolado. Todas e todos somos uma imensidão dentro de nós mesmos (as). Quando tratamos de psicanálise do idoso (a) essa imensidão ganha caminhos ainda mais longos, carregados de vivências, sejam de alegrias ou angústias.

A vida perpassa por vários conceitos estruturais de inúmeras naturezas e esferas sociais. Quando abordo o tema “idoso” (a), não há apenas o fato de ser um ser humano de idade cronológica avançada e sim inúmeros fatores discorrem a caminhada desse sujeito. Acarretando formações biológicas, sociais, psicológicas. Seu sexo, suas condições de vida, sua profissão, sua alimentação, suas crenças e valores, entre outros inúmeros fatores, constrói assim as subjetividades motoras, cognitivas, afetivas e psicológicas. Ou seja, para que se encontre uma definição de

conceito sobre envelhecimento no âmbito da psicanálise, devemos nos debruçar sobre todos os aspectos que envolve a todas e todos na concepção de seres humanos. Porém, há dois conceitos que impulsionam os demais: conceito biológico e conceito social. Esses dois conceitos devem ser muito bem analisados quando se trata de percebermos a psique dos indivíduos. Levando em consideração que somos seres “construídos” ao longo da jornada chamada vida, e que todo nosso material psíquico se encontra armazenado em nosso inconsciente, a investigação desses conceitos ao longo da vida do paciente é de suma importância.

Iniciemos com o conceito Biológico. Esse processo natural que todos e todas passamos, é um conceito primário. Desde o dia em que o óvulo é fecundado pelo espermatozoide inicia-se toda uma complexidade que resulta em subjetividades únicas em cada indivíduo. Quais hereditariedades carregaremos? Como foi/é/será a gestação? Quais as condições de parto e amamentação? Como a criança será cuidada, alimentada, higienizada, educada? Todas essas perguntas e consequentemente as respostas implicam no conceito biológico de cada humano (a).

Ainda no conceito biológico, podemos observar um processo de redução natural das funções celulares ocorrendo, e suas variações de indivíduo para indivíduo.

Quando observamos essa redução das funções devemos analisar como foi/é a vida desse sujeito idoso ou idosa em sua totalidade. Se as atividades físicas fizeram ou fazem parte ao longo e atualmente em suas vidas, promovendo assim um ganho de força muscular, manutenção da densidade óssea, o não acúmulo de gordura, entre outros.

Assim, como nas atividades físicas devemos observar como se deu e se dá a alimentação desse indivíduo. Suas escolhas e condições alimentares tem grande influência em sua vida na terceira idade no âmbito da saúde.

A qualidade de seu sono é de suma importância para a análise global. Sabemos que a média de horas de sono recomendada para os seres humanos são 8 (oito) horas diárias. E que durante essas 8 (oito) horas precisamos entrar em sono R.E.M abreviação de Rapid Eye Movement (Movimento rápido dos olhos). Quando o indivíduo atinge o sono REM seus olhos se movimentam intensamente e o cérebro chega a uma atividade intensa, comparando a atividade de quando está acordado.

Esse processo influencia todo o metabolismo seja ele jovem ou idoso, e é de suma importância ser avaliado.

A profissão que esse indivíduo exerceu durante sua vida também deve ser analisada. Movimentos repetitivos, estresse, responsabilidades; cada profissional carrega sua bagagem de vantagens e desvantagens de suas profissões.

Sua moradia atual e as anteriores acarretam muitas informações; se cresceu e vive atualmente em lugares com saneamento básico; locomoções acessíveis, se tem acesso a planos de saúde particulares ou até mesmo ao Sistema Único de Saúde. O acesso a serviços de saúde são fundamentais na construção da análise dos sujeitos. Pelo passar da vida, nos encontramos com diversas enfermidades que podem ser cruciais em nosso modo de viver e enxergar a vida. Para as pessoas idosas, esse acesso ao sistema de saúde tem um peso maior, levando em consideração o processo natural de envelhecimento e o surgimento de algumas doenças:

O envelhecimento é um processo normal acompanhado por alteração progressiva das respostas adaptativas homeostáticas do corpo. Ele provoca alterações observáveis na estrutura e na função e aumenta a vulnerabilidade a estressores ambientais e a doenças. (TORTORA, 2016, p. 176).

Algumas doenças são erroneamente caracterizadas como doenças apenas de idosos (infarto, acidente vascular cerebral – AVC, diabetes, hipertensão, entre outras). Nas palavras de Tortora, esses indivíduos tem sim um aumento na vulnerabilidade, mas nossa sociedade clama em manter uma imagem errônea de que só pessoas com idade mais avançadas desenvolvem tais doenças. Se observarmos com olhares atentos, vemos cada vez mais indivíduos adultos, jovens e crianças com tais enfermidades. Essa tentativa de camuflar esses fatores empurra o indivíduo idoso para uma “Zona Da Velhice”, (termo criado aqui para me referir a um lugar onde a sociedade coloca o idoso, uma classificação social). Mannoni (1995) nos brinda com uma frase verdadeira sobre o sentimento de velhice ser apenas para sujeitos cronologicamente mais velhos:

A velhice nada tem a ver com a idade cronológica. é um estado de espírito. existem "velhos" de 20 anos, jovens de 90. podemos ser velhos, nos vemos velhos, sem nos sentirmos jamais como velhos (apud, Mucida, 2019, p.30.)

Outro conceito determinante para todas as etapas da vida, é o conceito social. Para nossa sociedade capitalista, a velhice significa um apanhado de clichês: rugas, cabelos brancos, calvície, pele flácida, dentes amarelos, olhos caídos, incapacidades de inúmeras coisas, ela é sempre assexuada, desprovida de beleza, e o primordial: declínio radical ao poder de consumo.

A mídia tem grande influência sobre esses clichês citados. Sempre impondo que o belo e o que merece ser contemplado é o jovem. Essas afirmações empurra os idosos e idosas para “Zona da velhice“, levando algumas pessoas a uma corrida que nunca irão ganhar: a corrida contra os efeitos do tempo. O tempo é implacável, tão implacável que até os objetos inanimados são afetados por ele, e sendo assim, todos as pessoas que não morrerem jovens irão envelhecer e suas características biológicas do envelhecimento aparecerão. Cada individuo envelhece de uma forma subjetiva e única, porém, contra o tempo não há antidotos.

2 ENTENDIMENTO PSICANÁLITICO

Socialmente somos catalogados em crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. A palavra idoso aqui leia-se “idosos objetais“, ou seja objetos colocados socialmente na “zona da velhice“. Para a psicanálise essas catalogações são de suma importância, pois podemos observar até onde o paciente se coloca ou é colocado em algum lugar, alguma classificação.

Observamos que o item idoso desse grande catálogo social traz um resquício histórico muito grande. Levando em consideração as varias culturas que há pelo mundo, temos uma grande disparidade em algumas delas, trazendo assim para nossos tempos e além dele uma construção historicosocialcultural da velhice.

Trazendo um pouco da pesquisa de Simone de Beauvoir onde a autora faz uma retomada etnográfica com o livro “*A Velhice*“ podemos observar algumas

organizações sociais a cerca da vida idosa na história da humanidade onde algumas culturas cuidam dos seus idosos (as) com respeito e gratidão e outras de maneira desrespeitosa e desumana, passando pelo viés da invisibilidade. Enquanto algumas culturas acolhem os mais velhos e bebem de sua sabedoria como os koriaks, chukchees, incas, aleútes, balinêses etc, outras em sua organização social excluem os mais velhos de forma impiedosa. Entre abandono, fome, sede, cárcere privado e outras atrocidades o fim da vida se torna amarga e sofrida. Um fato interessante é que em muitas dessas civilizações apenas o "macho" é segregado, conservando as fêmeas idosas, em Totem e Tabu, Freud trás a discussão baseado nos estudos de Darwin em seu livro *The Descent of Man* (1871):

Essa tentativa baseia-se numa hipótese de Charles Darwin sobre o estado social dos homens primitivos. Deduziu ele dos hábitos dos símios superiores, que também o homem vivia originalmente em grupos ou hordas relativamente pequenos, dentro dos quais o ciúme do macho mais velho e mais forte impedia a promiscuidade sexual. 'Podemos na verdade concluir, do que sabemos do ciúme de todos os quadrúpedes masculinos, armados, como muitos se acham, de armas especiais para bater-se com os rivais, que as relações sexuais promíscuas em um estado natural são extremamente improváveis (...) Dessa maneira, se olharmos bastante para trás na corrente do tempo (...) a julgar pelos hábitos sociais do homem, tal como ele hoje existe (...) a visão mais provável é que o homem primevo vivia originalmente em pequenas comunidades, cada um com tantas esposas quantas podia sustentar e obter, as quais zelosamente guardava contra todos os outros homens. Ou pode ter vivido sozinho com diversas esposas, como o gorila, pois todos os antigos "concordam que apenas um macho adulto é visto num grupo; quando o macho novo cresce, há uma disputa pelo domínio, e o mais forte, matando ou expulsando os outros, estabelece-se como chefe da comunidade". (Dr. Savage, no *Boston Journal of Nat. Hist.*, vol. V, 1845-7, p. 423.) Os machos mais novos, sendo assim expulsos e forçados a vaguear por outros lugares, quando por fim conseguiam encontrar uma companheira, preveniram também uma endogamia muito estreita dentro dos limites da mesma família.' (Darwin, 1871, 2, 362 e seg.)

Atkinson parece ter sido o primeiro a perceber que a consequência prática das condições reinantes na horda primeva de Darwin deve ter sido a exogamia para os jovens do sexo masculino. Cada um deles poderia, depois de ter sido expulso, estabelecer uma horda semelhante, na qual a mesma proibição sobre

as relações sexuais imperaria, por causa do ciúme do líder. Com o decorrer do tempo, isto produziria o que se tornaria uma lei consciente: 'Nenhuma relação sexual entre os que partilham de um lar comum'. Após o estabelecimento do totemismo, a regra assumiria outra forma e diria: 'Nenhuma relação sexual dentro do totem'. (FREUD. 1913, P. 91).

Analisando as palavras de Darwin, Freud e Atkinson, observamos um seguimento cultural que prevalece em algumas pessoas até os dias atuais onde o "macho" idoso tem menos inserção que as "fêmeas" idosas dentro das famílias. Além de que as mulheres idosas, nos tempos antigos e nos atuais, muitas vezes cuidam dos netos (as) e dos afazeres domésticos, sendo extremamente útil (e extremamente exploradas) para a manutenção e estruturação da família e conseqüentemente pilar de toda uma sociedade sem o reconhecimento realmente merecido.

Observando as colocações de Beauvoir podemos analisar os traços históricos da velhice dos povos que habitaram e habitam o planeta, onde a velhice é aclamada pela sociedade que valorizava a experiência de vida e conhecimentos e é desdenhada por outras que valorizam a força, agilidade e "beleza" física. Se tratando de culturas ocidentais onde a beleza jovial é um grande trunfo do capitalismo, observamos que os idosos (as) com a perda de poder financeiro devido a aposentadoria, gastos médicos e medicamentosos perdem o poder de compra, automaticamente essas pessoas estão "excluídas" do padrão de beleza vigente.

A aposentadoria é um marco na vida dos idosos e idosas reforçando a máxima capitalista em que o sujeito só tem valor se for produtivo. Afinal os jovens estão produzindo em competição uns com os outros em busca de poder, seja ele financeiro, amoroso, estudantil, almejo de cargos mais altos, busca de status, etc; fazendo a grande engrenagem girar. Em contra partida, o sujeito idoso está em sofrimento, sofrimento esse explorado pelo capitalismo onde sofrer tem haver com o sentimento de não pertencente aquele lugar, que antes era dele e agora pertence aos mais jovens, criando assim uma gigantesca utopia onde a busca pela juventude eterna ganha cada vez mais adeptos, e onde o sofrimento passa a ser o pedido de reconhecimento; logo o reconhecimento da vida idosa sem tanto sofrer, a aceitação da condição da velhice sem a busca inútil de ser jovem o tempo inteiro.

Freud em 1930 em seu texto "O mal estar na civilização" onde aponta três itens da infelicidade humana: nosso corpo e sua fragilidade, o mundo externo, seu poder e sua força; e nossas complexas relações com o outro/outros (família e demais). Itens esses que com o passar dos anos ficam cada vez mais evidentes, sem contar com o capitalismo descobrindo esse novo nicho de mercado onde o culto ao não envelhecer ganha cada vez mais força e adeptos. O mercado impõe para os humanos de qualquer idade: "seja jovem sempre", "a melhor idade", "malhando para cuidar da saúde" (aqui leia-se: cuidado com o corpo para ficar sempre "atraente"), "cultuando a andropausa e menopausa com juventude e vitalidade", "solução milagrosa para a calvície", "protocolo para perda de rugas", "botox preventivo", "viagra para uma vida feliz" entre outras imposições inúmeras que se resumem em uma só frase: *você não pode envelhecer porque perde o valor social em todos os aspectos*. Para a psicanálise, nesse ponto estamos tentando adiar a morte, já que se trata da fragilidade do corpo envelhecer, e assim vamos nos enganando, buscando uma imortalidade mentirosa e arrebatadora do nosso ser como afirma Freud:

Limitada capacidade de adaptação e realização. Esse reconhecimento não possui um efeito paralisador. Se não podemos afastar todo o sofrimento, podemos afastar um pouco dele e mitigar outro tanto. (FREUD, 1930, p. 93)

O comércio encontrou uma forma de furtar o real dos sujeitos impondo seus desejos, automaticamente não há gozo, afinal são desejos que na verdade não são realmente desejantes e onde não há gozo acontece um escamoteamento da felicidade. Como a juventude nunca mais será alcançada outra vez, vem a frustração com o corpo, com o mundo externo e com a relação com o outro, como afirma Freud. Nesse ponto da vida o indivíduo se depara com o real atingindo seu narciso. O conceito de Narcisismo foi proposto por Freud baseado na mitologia grega de Ovídio no livro Metamorfoses. Consistia na história de Narciso, um rapaz extremamente belo que ao olhar seu reflexo no rio ficou apaixonado por sua imagem, permanecendo a beira do rio para contemplar sua beleza no reflexo e definhou até sua morte. Nesse mito Freud explica a origem do Eu. Quando nascemos estamos em construção, não temos ainda nosso Eu formado em sua completude, ou seja, passamos por experiências, atos psíquicos que formam nosso Eu. A partir da teoria de Freud, Lacan redige sua tese Estágio de espelho, onde

nós enquanto criança nos percebemos em um primeiro momento em uma imagem refletida no espelho, mas não temos consciência que somos nós mesmos, enxergamos ali O outro, em um segundo estágio, há uma confusão, pois não sabemos quem está de fato se olhando no espelho, se é o Eu ou O outro descobrindo assim uma mutualidade entre o Eu e O outro; no terceiro estágio o Eu surge e ganha uma estrutura dual, ou seja, o Eu é formado por todas as etapas (estágios) vivenciadas. Nessa formação se faz o duplo de si mesmo, o eu imaginário. Por consequência nasce o Eu Ideal, que consiste na imagem que perseguimos. Essa imagem de Eu Ideal nunca é a imagem de um indivíduo idoso.

Nasce também o Ideal do Eu, onde nos identificamos com uma figura representativa para reconhecermos nossos próprios desejos. Essas figuras representativas são sempre repostas durante nossa vida, regulando nossos desejos, nesse sentido, podemos afirmar a imposição da sociedade para que os indivíduos sejam sempre jovens.

Segundo Freud “o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” sendo assim o indivíduo começa então a amparar e defender seu narcisismo. Toda essa batalha interna leva a angústia, sentimento que surge diante do desconhecido. De fato a velhice é um campo desconhecido, mas ela também está diante do sujeito que permanece o mesmo. Nas pesquisas de Freud nos deparamos com a experiência do *duplo*:

Estava eu sentado sozinho no meu compartimento no carro-leito, quando um solavanco do trem, mais violento do que o habitual, fez girar a porta do toailete anexo, e um senhor de idade, de roupão e boné de viagem entrou. Presumi que ao deixar o toailete, que havia entre os dois compartimentos, houvesse tomado a direção errada e entrado no meu compartimento por engano. Levantando-me com a intenção de fazer-lhe ver o equívoco, compreendi imediatamente, para espanto meu, que o intruso não era senão o meu próprio reflexo no espelho da porta aberta. Recordo-me ainda que antipatizei totalmente com a sua aparência. (FREUD. 1919, P. 309)

Freud identifica como “O estranho” a si próprio quando vê de relance no espelho, não se reconhecendo enquanto um senhor de idade que ao mesmo tempo é familiar e estranha. Podemos observar por essa narrativa o quanto nosso inconsciente é atemporal e não temos uma verdadeira noção do próprio envelhecimento, ao mesmo tempo em que se passarmos muitos anos sem ver alguém conhecido, quando o reencontramos, de imediato notamos sua óbvia velhice, ou seja, *velho sempre será o outro* (a) e nunca nós mesmos (as).

A imagem do corpo idoso perante ao espelho, atinge o sujeito de uma forma impactante, sendo assim, para o inconsciente não há um reconhecimento temporal e continuamos como seres desejanter até o fim da vida, pois o desejo nunca aposenta, nunca morre, e somos movidos pela falta que nos impulsiona, logo o sujeito não envelhece. Porém, na fase idosa, não há compreensão social desses sujeitos cheios de desejo a procura de sublimação.

Na maioria das vezes as pessoas que cercam os idosos, sejam elas familiares, cuidadores, asilos, entre outros, anulam os traços subjetivos e só buscam preencher o tempo livre com atividades obsoletas ou até mesmo a ausência delas por deduzirem que são desnecessárias, não trazendo assim as perspectivas pulsionais, ou seja, não há pulsão de via em torno do sujeito idoso ou idosa, tornando-os sujeitos geralmente conformados e inclusos na “zona da velhice”, onde há desamparo físico, psíquico, emocional, financeiro, social entre outros, de maneira extremamente cruel em alguns casos, trazendo angústia e abandono.

Nesse sentido muitos idosos e idosas, ficam presos no passado. Pensam, contam e se nutrem de experiências já vividas e que trouxeram alegrias e/ou tristezas em suas vidas e acabam não vivenciando coisas novas. As experimentações passadas são importantes e de fato há necessidade em recontá-las para os outros e para si; mas viver do passado intensamente e desenfreadamente gera riscos perigosos, e acabam com as possibilidades de novos investimentos e desejos no presente.

Em uma sociedade onde o corpo é a chave para tudo, o inconsciente fica a deriva. De uma forma geral os idosos (as) são julgados (as) apenas por seus corpos, chegando quase a uma ilusão coletiva de que se o indivíduo tem idade avançada, ele não se encontra mais ali naquele corpo. Essa observação nos leva a pensar no corpo fragmentado, onde vários fragmentos se perdem em um vazio coletivo a cada ano que

se passa, e assim, o Ideal do Eu vai se formando. O ser consciente que nos habita está exposto a estímulos externos que dizem que o Ideal do Eu é jovem, saudável, ativo etc. mas quando olhamos nosso Eu, O Outro e o Eu ideal, a imagem não se iguala a que vemos no espelho, trazendo hostilidade, aversão, rancor e ódio pela imagem refletida, pois não se perde apenas a imagem ideal no que se refere ao corpo, perde-se também, segundo Freud, a constituição do sujeito, trazendo assim angústia. Freud afirma que a falta constitui o sujeito, somos seres que nos fazemos na falta, em busca do prazer incessante; quando o encontramos, ou queremos mais ou migramos de desejo, sedentos por cada vez mais. Na vida idosa, essa falta se dá ao que não é mais permitido ao corpo, a mente, ao poder econômico. O corpo biologicamente alterado com sinais múltiplos do tempo nos impede de olharmos o espelho com vaidade e satisfação.

A mente (capacidade mental e armazenar dados, etc), tirando pouquíssimos privilegiados, já não se encontra em sua avidez, com esquecimentos constantes e imposições sociais que ferem e destroem as conficções dela. O poder econômico também é um fator primordial, afinal quando se trata de um ser humano, tudo deve ser levado em consideração, pois tudo está interligado, influenciando a vida do sujeito. Quando se perde valor aquisitivo, se perde qualidade de vida, e tanto no Brasil quando em outros países do mundo, a maioria das pessoas não tem renda suficiente para se preparar para uma velhice tranquila. Muito pelo contrário; pois quando se trata de pessoas das classes menos privilegiadas, ou seja, a maioria esmagadora em nosso país e no mundo, o idoso ou idosa, acaba sendo o pilar financeiro dos filhos (as) e netos (as) que não conseguem se afirmar no mercado de trabalho e cenário financeiro. Aqui podemos analisar o quanto isso empurra o sujeito idoso para a “zona da velhice“, pois não se vê desejo, esperança, apenas angústia, fazendo com que o sujeito entre na dívida impagável do neurótico, ou seja, o desejo do outro, nesse caso o desejo da família dependente, passa a ser sua dívida final na terra, e já que o dever ao outro é o espaço do sofrimento da neurose, para o idoso/ idosa basta apenas tentar pagar essa dívida impagável e esperar a morte.

Na época em que Freud analisava pacientes, não indicava a psicoterapia para idosos, pois no passado acreditava-se que essas pessoas teriam pouca maleabilidade mental. Claro que devemos nos atentar para o fato histórico de que naquela época a expectativa de vida era em torno dos 50, 60 anos, a alimentação, medicamentos,

cuidados corporais e higiênicos avançaram muito no decorrer dos anos com a evolução da ciência prolongando a vida. Sabemos da complexidade histórica desse fato, porém, os conceitos de Freud influenciaram e ainda influencia toda uma cultura histórica dentro das áreas de saúde e sociedade. Freud afirmava que demandava muito tempo de trabalho para processar e aprofundar todo o acúmulo do material psíquico do paciente idoso, além das dificuldades de expressão quanto ao que pensam, sentem ou querem; muitos idosos não conseguem mais elaborar um pensamento em palavras, e acabam sendo repetitivos, o que trás um gasto maior de tempo cronológico e kairós. Como o inconsciente é atemporal, a memória do passado sempre sobressai/sobresairá, as memórias atuais, mesmo que sejam importantes.

3. ROMPENDO O SILÊNCIO SOBRE SEXUALIDADE E DESEJO DO SUJEITO IDOSO

As palavras que definem a sexualidade dos idosos e idosas no passado e na atualidade são preconceito e tabu. A primeira retrata toda a intolerância generalizada pela sociedade quanto ao tema. E a segunda condiz com a essência etimológica da palavra que se resume a proibição de práticas de atividades sociais que sejam de cunho moral ou religiosa. Se observarmos a história da sexualidade humana, a questão religiosa sempre esteve envolvida, assim como o banimento das práticas sexuais na velhice. O ser humano quando nasce já enfrenta barreiras inúmeras sobre sua sexualidade. Quando criança há a crença religiosa da inocência total, onde alguns escritos definem a criança como anjo. Com o passar da vida, principalmente na adolescência o tabu fica mais evidente, com proibições e informações errôneas que se misturam com desejos trazendo confusão e o não reconhecimento tanto da sexualidade quanto dos sentimentos. Poucos indivíduos tem uma satisfação sexual realmente, principalmente para as mulheres em qualquer fase da vida, onde se mistura desejo, culpa, submissão do eu, vulnerabilidade, frustração, abusos entre outros.

O discurso do sexo em nossa sociedade é totalmente camuflado. Muitas pessoas afirmam ter uma vida sexual excelente, com medo do julgamento do outros, mas na verdade não vivem sua sexualidade com plenitude. Isso se dá pelo fato de se perder muito tempo com medidas paliativas e não partir para o que realmente faz efeito:

orientação de como funcionam os corpos masculinos e femininos e como ter prazer sem medo ou culpa. Para os idosos não é diferente. O corpo idoso está passando por processos biológicos naturais, o problema é que nada se fala ou se instrui quanto a isso. Segundo Freud, nossa sexualidade nos acompanha do nascimento até a morte, pois a busca pelo prazer não está concentrada apenas nos órgãos sexuais. Nossa sociedade consumista de corpos e historicamente influenciada pela religião, relaciona a sexualidade apenas pelo ato sexual dado pela penetração. Mas para a psicanálise a sexualidade do indivíduo se passa por todas as categorias de prazer: oral, anal, fálica, toque, voz, olhar, fantasia, discurso, carinho, companheirismo etc. e quando o idoso e principalmente a idosa chega em determinada época de suas vidas a sociedade os castra em sua totalidade. Dentro da própria família há o julgamento de que aquela pessoa se tornou assexuada só por ter envelhecido. As famílias tem uma opinião errônea quanto a vida idosa, geralmente associam ela a demência e a infantilização, como se a pessoa ao envelhecer, voltasse a sua condição de criança e não sentisse mais a necessidade de sexo (leia-se aqui o conceito equivocado de que sexo é apenas penetração, pois até mesmo as crianças, como vimos, tem energia sexual).

Se o sujeito não tem mais trocas libidinais onde fica o desejo? Se sexo não é apenas o ato de penetração em si, como ficam os outros quesitos da sexualidade? Os tabus e os conceitos errôneos que se formaram durante os anos em que a humanidade caminha na terra precisam ser sanados, e o respeito pela vida sexual dos idosos e idosas precisa ser exercido. Com o passar dos anos os sujeitos vão aprendendo mais sobre si mesmos e sobre as coisas do mundo, inclusive sobre sua energia sexual:

Na idade avançada se ama de maneira mais profunda, consegue-se purificar o amor da paixão que é mais sensual do que genital. Os idosos falam mais facilmente a linguagem do coração com palavras mais sinceras e espontâneas e com silêncios mais carinhosos. Assim, para eles, um olhar ou uma carícia podem valer mais do que muitas declarações de amor. (CAPODIECI. 2000, p. 231)

4 OS DESAFIOS DA CLÍNICA PSICANALÍTICA: PSICANÁLISE PARA A LIBERTAÇÃO E METAMORFOSE PESSOAL

Em análise, aprendemos realmente a contar nossa história sem o grande Outro, sem Lei que nos é imposta durante nossa constituição enquanto sujeitos. Aprendemos a superar, a ultrapassar, a separar os significantes, os conceitos e as concepções do simbólico. Para o idoso (a) esse aprendizado é primordial, pois ele ou ela passa a ser o verdadeiro (a) Contador (a) da sua própria história, como afirma Lacan quando diz que o sujeito tem que se reconhecer contador. Para o autor a psicanálise deve levar o analisando a encontrar a verdade do seu desejo.

E na análise, a experiência de linguagem vai convidando o analisando a descobrir o que é a sua verdade. Nesse universo da linguagem, segundo Lacan, pode-se observar tanto as verdades quanto as mentiras, na possibilidade de enganar o outro ou a si próprio, como e quanto se deseja. Mucida (2019, p.99) nos indica que “a velhice é o encontro do sujeito com o Real – marcado pelo enfraquecimento da referência fálica, exigindo um tratamento do simbólico e imaginário que sofrem, concomitantemente, enfraquecimentos consideráveis”. Tratamento esse que consiste em um trabalho multidisciplinar onde profissionais de várias áreas trabalham concomitantemente para a saúde global do idoso (a), psíquica, física, financeira, emocional, intelectual, espiritual e social.

Como na análise só existe o sujeito inconsciente, e o inconsciente é atemporal, apesar de crenças do passado, onde não se considerava fazer análise na velhice, hoje com o avanço das tecnologias em todos os aspectos, esse pensamento está sendo modificado.

A clínica para os analisando idosos (as) é uma realidade e também um desafio, pois a intemporalidade entra em conflito com o tempo cronos, trazendo um provocar muito grande para a psicanálise e psicanalistas.

O corpo entra em um inevitável declínio biológico, mas o sujeito (idoso) percebe/sente/vivencia que algo dentro dele não acompanha esse processo; se abre então uma ferida narcísica, mas ele continua desejante e agora tem que lutar contra uma sociedade que o coloca em um lugar de incapacidades. Toda essa nova etapa que esse sujeito passa/perpassa está dentro de si:

Normalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento de nós mesmos, de nosso Eu [...] o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id [...] A patologia nos apresenta um grande número de estados em que a delimitação do Eu ante o mundo externo se torna problemática [...] o que o passou pode ficar conservado na vida psíquica, não tem necessariamente que ser destruído. (FREUD. 1930, p. 9)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto de que o mercado já está de olho nos idosos e idosas no viés de deter o envelhecimento, mais uma vez o que realmente importa fica de lado, o aceitar envelhecer e com isso envelhecer realmente bem. Para uma vida saudável em qualquer idade, devemos cuidar da saúde mental, e em todas as idades ela é negligenciada por motivos óbvios: se as pessoas estiverem bem mentalmente, não caem nos golpes publicitários tão preciosos para manter a máquina do consumismo girando. Disfarçado pelas palavras “progressos científicos” o capitalismo impõe o que é bom para o sujeito, e ele/nós acreditamos fielmente que seja, como já alertava Freud em 1930 quando diz que tal progresso não trouxe para os seres humanos a felicidade, não aprimorou as relações entre eles e elas, não aquietou o medo ou angústia. O avanço da tecnologia melhora as tecnologias, quanto aos seres humanos, vivemos as demandas desde os seres que habitavam a terra na época das cavernas, não havendo assim um avanço/aprimoramento/libertação enquanto ser psíquico. Tudo se resume em mais do mesmo: interesse de pose da máquina capitalista. Compre, seja, faça, gaste, use, vote para não se tornar obsoleto ou obsoleta, e assim permanecemos na corrida interminável de ser quem não somos de verdade, mesmo sabendo que na velhice nos encontramos com o Real, ou seja, todos os seres humanos sabem e que a morte chegará e se envelhece para isso, passando por etapas inevitáveis, a imagem que vemos no espelho pode não ser fácil de tolerar, os laços sociais ficam cada vez mais frágeis e finitos, a ausência de um ideal pesa nesse processo, carência de afetos entre outros. Para Lacan esquecermos o que realmente queremos é nos entregar a modos pré-fabricados de “querer” e a velhice é um desses módulos. Quando o sujeito está completamente submerso nesse discurso pré-fabricado o Real volta e abala todo o sistema com algo que precisa ser dito, então surge a angústia, alguns estudiosos

acreditam que muitos idosos e idosas entram em Demência e Alzheimer para evitar a realidade que os cercam. Sobre esse cenário Mocida cita Messy (2002) com muita maestria:

Messy assinala que a dificuldade encontrada no trabalho de luto das perdas, a dificuldade com a imagem que se odeia e seu retorno ao próprio Eu, o isolamento do mundo, a restrição maciça de laços sociais, a falta de investimento libidinal podem ser fatores importantes na constituição do Alzheimer. O sujeito precipita-se numa espécie de autodestruição que toma, pouco a pouco, a forma de uma morte real por meio de infundáveis doenças, fazendo laço com a morte. (apud, Mucida, 2019, p.24)

Essa luta contra tudo e contra todos muitas vezes não é vencida e acarreta sofrimento psíquico. O sujeito idoso é um ser de deseja que encontra na psicanálise uma escuta que talvez não encontre em nenhum outro lugar. Sua família, sociedade, mídia, todos tentam apagá-lo. Em análise, o idoso vai de encontro ao “Eu” e pondera quais as responsabilidades de suas escolhas. Se aceitando e aprendendo que é um ser de complexidade psíquica, inteligente e com experiência de vida. E assim consegue reconhecer qual a sua parcela de responsabilidade em seu sofrimento quando aceita as imposições do grande Outro. E no lugar que o sujeito se encontra, a psicanálise o ajudará a não aceitar calado um lugar que impuseram a ele, um lugar que não é seu, passando assim pela metamorfose.

REFERÊNCIAS

BAUVOIR Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CAPODIECI, Salvatore. **A idade dos sentimentos: amor e sexualidade após os 60 anos**. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Mal estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund (1919). **O estranho**. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (E.S.B.,17)

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XIII.

LACAN, Jacques. **Função e campo da fala e da Linguagem em psicanálise**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 239-320.

MUCIDA, Ângela. **O Sujeito não Envelhece – Psicanálise e Velhice**. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

OVÍDIO, P. **Metamorfoses**. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.

TORTORA, Gerard J. **Princípios de anatomia e fisiologia** / Gerard J. Tortora, Bryan Derrickson; tradução Ana Cavalcanti C. Botelho... [et al.]. – 14. ed. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016